

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

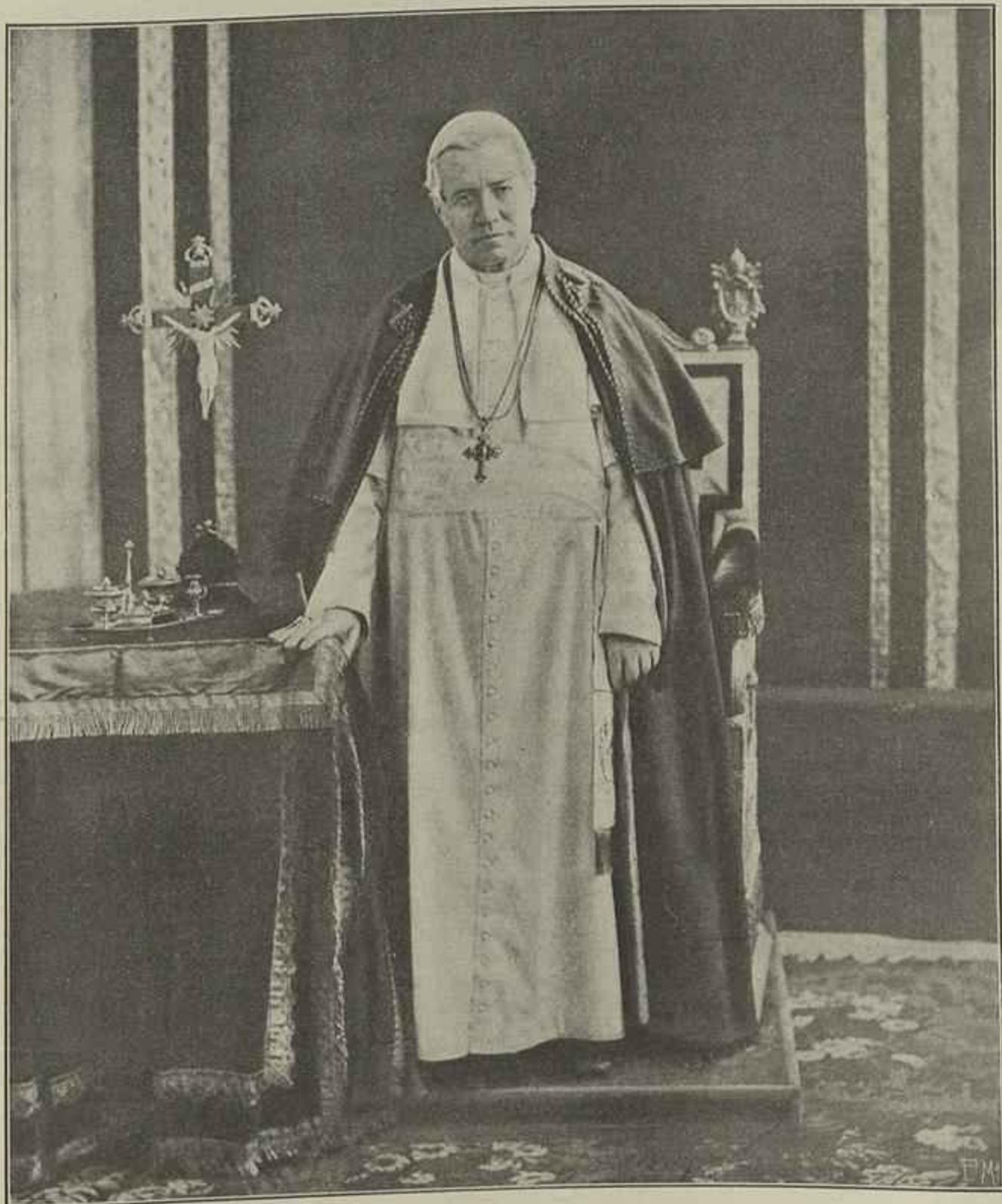
Volume XXXVII

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

30 de Agosto de 1914

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1284



PIO X

FALECIDO A 20 DE AGOSTO DE 1914

Cliché G. Felici.

CRONICA OCCIDENTAL

De longe, as noticias da Guerra chegamos, em torvelinho, ora confusas, ora contraditorias, terriveis sempre. Segundo as origens de que proveem, Havas ou Wolf, deixam-nos numa expectativa dolorosa, ofegantes de anciedade, amarfanhados de assombro, umas vezes exaltando-nos de esperança, outras vezes prostrando-nos de duvidas e augurios funestissimos. Cumprem-se os fados.

E agora, a proposito, entretecem-se lendas e recordam-se profecias. Desde o profeta de Strasburgo até Madame Thèbes, os olhos credulos do povo percorrem mais atentos as previsões dantes annunciadas, e desdenhadas num encolher-de-hombros negligente de scepticismo.

A proposito, podemos relembrar a carta profetica de Emilio Olivier dirigida ao vencedor de 70, Guilherme I da Prussia:

1 de outubro de 1870. — Senhor: sois feliz porque sois Grande. Eu aconselhei a guerra, não para impedir a unidade alemã nem para conquistar o Rheno: — ha doze anos que eu recuso á França o direito de impedir a unidade alemã, ou de apoderar-se do Rheno. Aconselhei-a, unicamente, porque uma nação nobre e altiva não poderia jámais aceitar o que Mourmsen, com orgulho, chamou a resposta de Ems.

Conheço melhor o meu paiz do que os vossos jornalistas alemães. Se respeitardes o nosso territorio, contentando-vos com a gloria imensa que acabaes de conquistar, ter-vos-heis assegurado a facilidade de fazer, para o futuro, na Alemanha tudo que vos apetezer, garantindo, ao mesmo tempo, ao mundo uma era de paz, longa e bela. Se, pelo contrario, tocardes no nosso territorio, provocareis uma nova guerra dos 30 anos. Manifestando-vos desinteressado, preparareis a aliança indissolúvel das raças latinas e germanicas; «se, porém, quizerdes ser conquistador, preparareis contra a Prussia a aliança das raças slavas e latinas.»

Neste momento de crise, se alguém, categorizado de fama e aureolado de prestigio na imaginação facil das multidões, apontasse a sucessão dum milagre ou predissesse o Fim-do-Mundo — cremos bem que seria piamente acreditado. Por exemplo, bastava que surgisse no pulpito ou apparecesse na praça publica algum iluminado com fervores de mystico e gestos de sugestão, annunciando para o ano 2000 o advento do Dia-de-Juizo — e a crença divulgar-se-ia, por certo, mais e mais intensa, mais e mais extensa, espontaneamente. Tal é o estado-de-espírito criado e sustentado pelos acontecimentos ultimos. Assim, seria repetida na idade contemporanea a fobia de 900.

Por mais que de contrario afirmem, os nossos tempos ainda se acomodam admiravelmente á existencia do maravilhoso sempre latente na alma dos povos.

Meu Deus — que irá resultar deste conflito gigantesco?

Nove nações andam empenhadas na luta — luta de exterminio, luta de morte — e resto do mundo em volta cala na expectativa, aprestando-se em segredo para lhe dar o seu contingente de carnificina. Para as bandas do norte, os horisontes raiam

sangue — anda por lá a Morte-Vermelha planando a semear fomes e maldições.

Cae um fogo de assolação sobre as eiras e os vinhedos. As arvores estremecem de terrôr, feridas de morte erguem aos ceus, pela ultima vez, os braços estorcegados de dôr e arremessam-se ao chão derrancadas e exanimas. E nos terrenos tornados estereis a fogo e sangue, os homens, milhares e milhares, morrem — victimas de odios que não sentiram.

No espaço, os zepelinos revôam espargindo mortes e incendios. No mar, as minas explosivas aniquilam cruzadores e couraçados. Na terra, os canhões escancaram as fauces monstruosas esbaforindo fumos de asfixia. Quando será o desenlace desta tragedia, nunca vista e ha muito prevista?...

E nós — moradores deste solar antigo do Occidente — que fazemos nós em face dos acontecimentos? Simplesmente — esperamos. Entrementes, o nosso governo impõe-se a missão de apreender gazetas varias por motivos de segurança do Estado. Ignoramos os passos do jornalismo incursos na censura, mas podemos acreditar que não seria neste momento de melindres internacionaes que os inimigos do regimen iriam intentar uma aventura, arriscada e desatinada, de politica. Além disto, ha quem diga e desdiga que a dentro do nosso paiz se fazem tambem preparativos de mobilisação. Deve ser exato — pelo menos assim nol-o confirma o entusiasmo sempre crescente dos escoteiros petizes de Portugal. Ha ainda uma novidade, digna de ser exarada nas colunas desta cronica para esclarecimento dos leitores.

As gazetas mais eminentemente representativas do regimen que por obra e graça do espirito-maçonico nos rege, são todas, por interpretação de tratados antigos e conveniencias de momento, sequazes da nossa aliada secular. Todavia, não resistem ao desejo que lhes ficou, de longa data, inoculado no sangue, de se considerarem, mais uma vez, como partidarios da Triple-Entente, campeões da Liberdade. Consoante as suas palavras ecoadas de galicismos, a conflagração europeia seria uma batalha decisiva ferida entre a Reação e o Progresso. Neste caso, custasse o que custasse, era urgentemente necessario que a ideia avançada vencesse...

Não tendo, é certo, grande alcance, esta opinião visa certos pontos de verdade. A victoria germanica demonstra-nos-la a excelencia duma organização social mais fortemente coordenada pelo poder unico do autocratismo — enquanto as nações inimigas quedariam por muito tempo victimas dum democratismo desorientadôr.

Entretanto, os senhores republicanos poderão desde já indigitar como defensor da liberdade dos povos o tzar das duas Russias?...

ANTONIO COBEIRA.

PIO X

A esta hora, todo o mundo catolico se prostra religiosamente ante o prestito funebre de Pio X. Num momento de tristezas lancinantes, em que as atenções convergem confrangidas para esse vasto campo de batalha, atoleiro de sangue onde toda a Europa vae afogar-se de borco — chega a noticia desoladôra do falecimento desse querido Santo que foi, pela grandesa da sua bondade e

fortaleza da sua resignação, um dos maiores Papas, eleito acima de todos os tempos. De facto, madrugada de 20 de agosto, Pio X recolhera a alma martirisada ao seio serenissimo do Criadôr que a tinha assinalado, entre os seus fiéis, com sêlo da sua predileção. Quinta-feira lugubre, repoisava aquele coração que tanto pulsára pela causa do seu Deus, que era a causa sacratissima dos Humildes. Alfim, desprendia-se da vida aquela Alma que somente se ligara ao mundo pelos vinculos da bondade.

As notas biograficas de Pio X justificam plenamente tudo o que de bem, a seu respeito, possamos dizer e confirmam á maravilha essa prece dolente e humilde que na *Magnificat* encontra, exaltada num arroubamento de misticismo, a sua expressão quasi divina.

Magnificat anima mea...

A vida de José Sarto é uma ascensão continua, luminosissima, para o dominio maximo do Espirito. Pode dizer-se — nascido na humildade, foi pela humildade que Ele conquistou o supremo Poder-Espiritual.

Momentos antes de eleito Papa, ainda o cardinal Sarti supplicava insistentemente aos seus colegas que não no elevassem a tão alto cargo. Sumo Pontifice — seguiu na senda, por instantes, interrompida, da humildade...

Relatamos do OCCIDENTE (XXVI vol., 887 n.º) os seguintes dados de biografia, devidos á pluma erudita do nosso amigo e colaborador, D. Francisco de Noronha:

«José Sarto, natural de Riese, diocese de Treviso, Italia, filho de gente de condição humilde, foi eleito pelo conclave, por 50 votos, no escrutinio de terça-feira, 4 do corrente, e tomou o nome de Pio X.

Sarto viu a luz da existencia aos 2 dias do mez de junho de 1838, estudou nos seminarios de Treviso e de Padua, ordenou-se sacerdote em 18 de setembro de 1858 e parouquiu algumas freguezias do Veneto, entre as quaes Tombolo e Salzano, de que tomou posse correndo o ano de 1867.

«O bispo de Treviso, lê-se em uma noticia recente, que apreciava as virtudes e o saber do paroco de Salzano, fel-o conego da sua catedral, sendo depois nomeado Vigario geral, chanceler da camara eclesiastica, director espiritual do seminario, examinador pro-sinodal, e juiz do tribunal eclesiastico.»

Por morte deste prelado foi eleito vigario capitular de Treviso (*sede vacante*).

Em 10 de novembro de 1884 foi honrado com o bispado de Mantua e em 12 de junho de 1893, Leão XIII distinguio-o com a purpura cardinalicia, preconizando-o no consistorio de 15 do alludido mez, patriarca de Veneza.

O governo italiano, presidindo o falecido estadista Crispi, negou-se por essa ocasião a conceder o *exequatur* pretextando direitos a nomear os antistites daquela igreja, visto considerar a Italia como herdeira de privilegios do Papado á antiga republica de Veneza.

Discutindo-se em seguida a razão de direito legitimo, Sarto provou assistir este no caso da nomeação á Curia Romana e, concedido o *exequatur* afinal pelo governo, entrou na posse pacifica de sua cadeira evangelica no patriarcado da formosa cidade rainha do Adriatico.

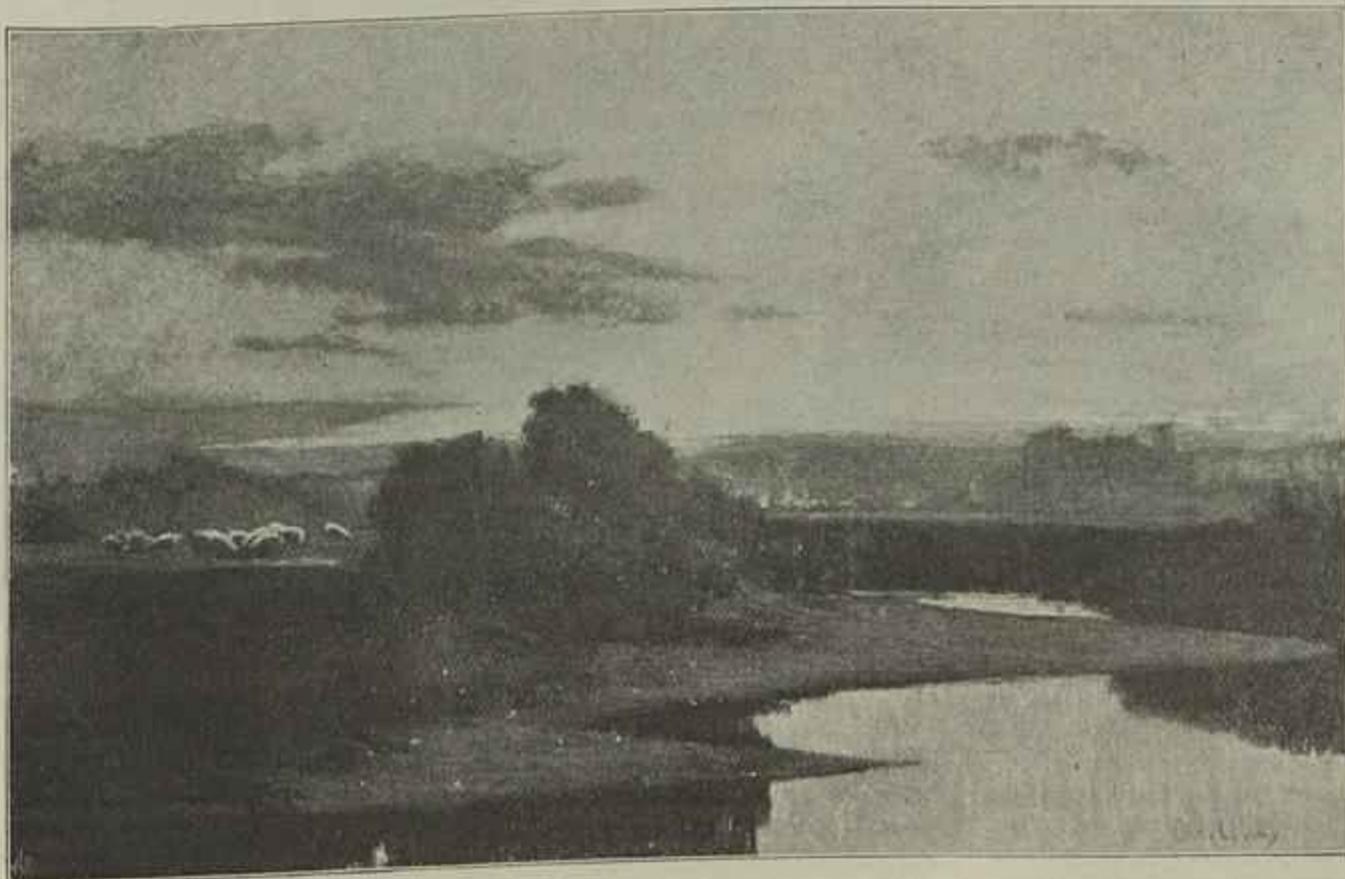
Entusiasta, ao que consta, pela musica, tratou de fazer restaurar o canto gregoriano na area de sua jurisdicção eclesiastica, preocupando-se tambem com insinuar aos pastores seus subordinados o cumprimento dos preceitos da liturgia.

Até aqui nota-se na pessoa de Sarto uma ascensão gradual na hierarquia sacerdotal, sem conjuntura de circunstancias e occorrença de factos que hajam revelado em suas faculdades talentos superiores e modalidade empolgante.

Fôsse porém como fôsse, e o que fôsse, é certo sahir eleito do seio de uma assembléa relativamente numerosa, onde se encontravam algumas verdadeiras sumidades provadas no desempenho de missões melindrosas e de gravissimas responsabilidades inerentes.

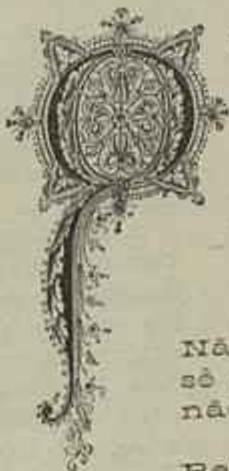
Agora, que cingiu a tiara pontificia, tomou um nome que relembrava scenas historicas ainda não apagadas na memoria e transitou assim de plano secundario, quasi obscuro comparado ao actual, para a cuspide do mundo eclesiastico; resta aguardar actos caracteristicos por onde seja possível definir-lhe a individualidade.»

O gesto ultimo de Pio X implorando de Francisco José I que não manchasse com o sangue das milhares de victimas da actual e colossal guerra, a sua velhice honrada, foi um gesto nobilissimo que pôs em maior relevo a estatura moral do Papa que ora faleceu.



Paisagem da Tarde

A Planta



Quando vires a planta que rasteja
humildemente, presa das raízes,
desvia-te ao passar e não a pizes,
deixa-a viver na terra bemfazeja.

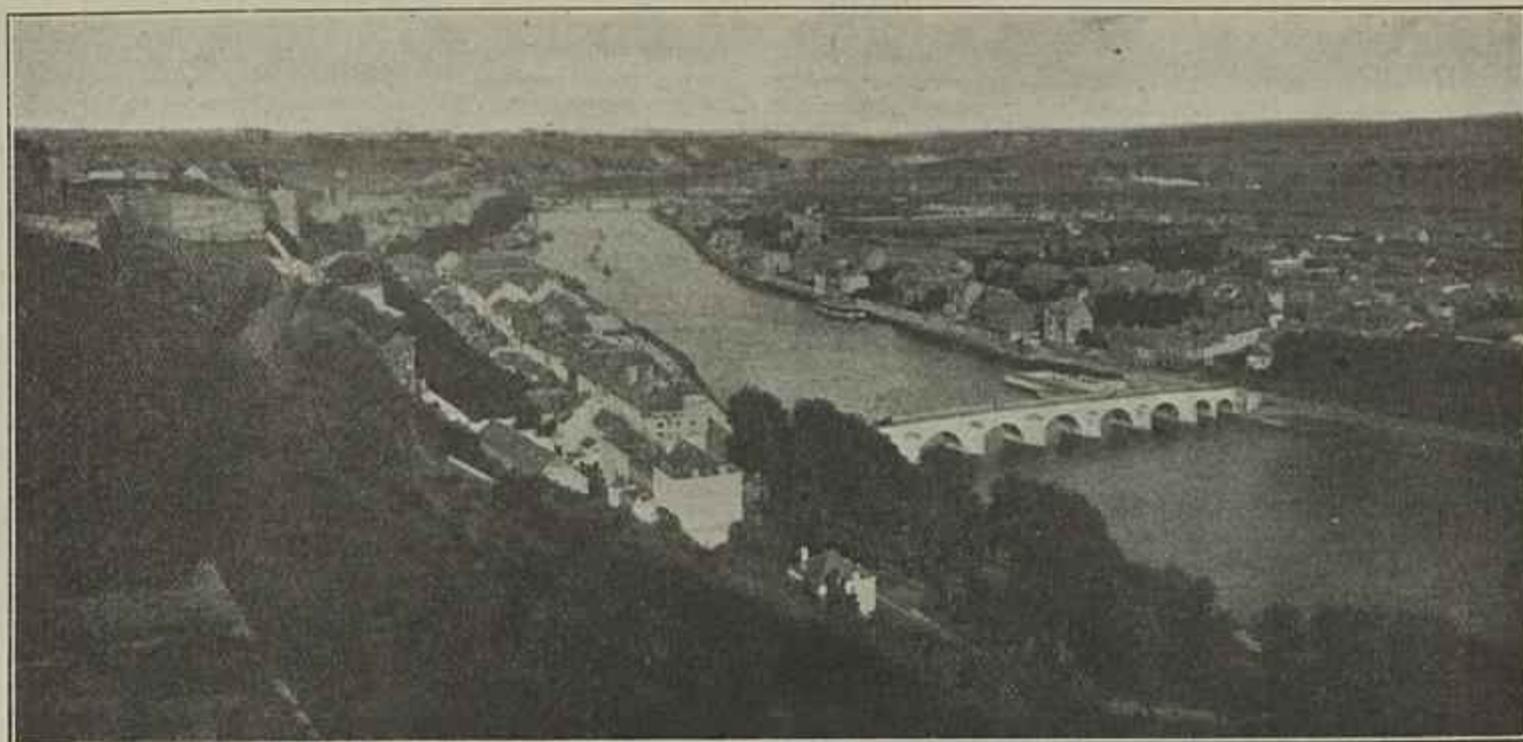
Talvez, — quem sabe lá? — talvez que seja
assim modesta e só das mais felizes;
O sol presta-lhe galas e matizes
doirando-lhe a folhagem que viceja.

Não a calques aos pés como um tyrano;
sê bom, sê generoso, sê humano,
não a esmagues — isso seria atroz! —

Reflecte ó Homem, Rei da Creação,
que essa planta, de roço pelo chão,
tem vida e sente e sofre como nós.

1-V-914.

Eduardo Pacheco.



BELGICA — VISTA DE NAMUR

PELO MUNDO FORA

O Príncipe de Galles fez um appello á nação para se angariarem fundos para as victimas da guerra. Num só dia arranjaram-se 250.000 libras.

O Reino Unido prepara-se activa e friamente para o formidavel duello, de que conta sahir triumphante, graças á sua forte marinha. A esquadra allemã mantem-se no Baltico e canal de Kiel, aguardando o resultado das batalhas da Belgica. A esquadra inglesa domina o Mar do Norte, o Atlantico e Mediterraneo, com o concurso da francesa. O commercio allemão está paralisado, e o imperio do Kaiser arrisca-se a ser rendido pela fome. Ganham com isto os Estados Unidos, que augmentam as suas transacções.

O Japão ameaça tambem a Allemanha, tendo-se dito que vae declarar-lhe guerra. Já de ha muito que lhe fazia concorrência com as carreiras de navegação.

O conflicto actual, nascido entre a Austria e a Servia, alastra pela Europa toda e ameaça estender-se á Asia e á Africa. E' a maior lucta de que reza a historia.

N'este movimento nota-se uma accentuada regressão ás ideias conservadoras, sobretudo na França, cujo radicalismo se tornou tão proeminente nos ultimos tempos. Logo apoz a declaração de guerra á Allemanha, o governo ordenou que fosse sustada a lei de dissolução das escolas congreganistas, visto precisar do auxilio das irmãs de caridade na Cruz Vermelha. Agora, e a pedido do almirante Bienaimé, restabeleceram-se os capellães a bordo dos navios e no exercito em campanha.

As suffragistas inglezas emmudecem, os orangistas do Ulster e os nacionalistas irlandezes pegam nas armas para defender as costas da Inglaterra, esquecendo as luctas intestinas.

Sir Edward Grey, na Camara dos Comuns, expõe a situação da Grã Bretanha em face da guerra, que esteve para rebentar em 1908, apoz a annexação da Bosnia e da Herzegoviana á Austria, e em 1911, por occasião do incidente de Agadir, pro-

vocado pelos celebres allemães Mannesmann, verdadeiros potentados estabelecidos em Marrocos, onde exploram minas e varias industrias. Um d'elles parece que foi fusilado ha dias.

Já quando se deu a crise marroquina de 1906, por occasião da conferencia de Algeciras, E. Grey foi interrogado sobre se no caso de rebentar a guerra entre a França e a Allemanha, a Inglaterra daria áquella o seu apoio. Nada prometteu então; aguardava o que dissesse a opinião publica.

O governo francês vê-se envolvido no actual conflicto em consequencia dos deveres de honra para com a Russia sua aliada. A Inglaterra não faz parte d'essa alliança, mas mantem amigaveis relações com a França, cujas costas septentrionaes e occidentaes estão absolutamente sem defesa. A sua esquadra presta optimos serviços no Mediterraneo. *Se uma esquadra estrangeira, empenhada numa guerra que a França não provocou, penetrasse na Mancha, bombardeasse e destruísse as partes não defendidas da costa francesa, nós não poderíamos ficar immoveis. Encarando a questão sob o ponto de vista dos interesses britannicos devemos-nos lembrar que estamos na presença d'uma guerra de vida ou de morte.*

Está aqui a chave do problema.

Ser ou não ser, eis a questão. Ou a Inglaterra mantem o dominio dos mares, ou morre. D'esta vez sahirá ainda triumphante dizem-no os entendidos.

Emquanto se não decidem as contendias que tantas desgraças estão causando em toda a parte vejamos succintamente a constituição das grandes esquadras da Europa: *Inglaterra:*

Conta 22 dreadnoughts, divididos em series, taes como: 4 *Iron-Duke*, ha pouco construidos; deslocam 25.400 toneladas, força de 33.000 cavallos, velocidade 23 nós. Artilharia principal: 10 peças de 34 cm. em 5 torres axiaes; artilharia secundaria: 16 peças de 15 cm.—4 *King George*, 54.300 toneladas, 31.000 cavallos, 22 nós, 10 peças de 34 cm. e 16 de 10 cm.—3

Hercules, 20.300 t., 27.500 cav., 21 1/2 nós, 10 peças de 30. em 5 torres, e 16 de 10 cm.—3 *Vanguard*, 19.600 t., 25.800 cav., 21 1/2 nós, 10 peças de 30 cm. e 18 de 10 cm.—3 *Superb*, 19.700 t., 24.000 cav., 21 1/2 nós, 10 peças de 30 cm. e 16 de 10 cm.—1 *dreadnought*, o prototypo do genero, datando de 1906; 12.200 toneladas, 23.000 cav., 21 nós, 10 peças de 30 cm. e 27 de 76 mm.

10 couraçados differentes, á trente dos quaes estão dois *Lord Nelson*, com 4 peças de 30 cm. e 10 de 24 cm.—8 *King Edward VII*, de 16.000 t., 4 peças de 30 cm. e 4 de 24.—2 *Triumph*, de 12.000 t., com 4 peças de 24 cm. e 14 de 19 cm.—5 *Duncan*, de 14.200 t., 4 peças de 30 cm. e 12 de 15 cm.—8 *Formidable*, de 15.000 t., 4 peças de 30 cm. e 12 de 15 cm.

Couraçados de segunda linha.—6 *Canopus*, de 13.000 t. e 9 *Magestic*, de 15.000 t. Cruzadores-couraçados possui 34, lançados ao mar desde 1900 a 1907, de 12.000 a 14.000 toneladas, com a velocidade de 23 nós.

A esquadra ingleza foi agora reforçada com mais 16 navios que estavam em construcção nos estaleiros e com destino a países estrangeiros, sobre os quaes o almirantado exerceu o direito de preempção. São 5 couraçados, 2 guarda-costas e 9 contra-torpedeiros. Um dos couraçados era o *Rio de Janeiro*, que o Brasil vendeu á Turquia, que lhe deu o nome de *Osman 1.º*. A Inglaterra chamou-lhe *Agincourt*. Tem 14 canhões de 305 mm. e 20 de 152 mm.

Outro é o couraçado turco *Reshadieh*, do mesmo typo do *Iron-Duke*; tem 25.000 toneladas, 10 canhões de 345 mm. e 16 de 150. Recebeu o nome d'*Brim*. Dois contra-torpedeiros chilenos, de 1850 toneladas e 31 nós, foram tambem tomados pelo almirantado, que lhes deu os nomes de *Faulkner* e *Broke*.

Allemanha.

12 dreadnoughts, tres dos quaes — *Koenig*, *Grosser-Kurfurst* e *Markgraf*—foram acabados ha pouco. São de 26.000 tone-

ladas, 24 nós, artilharia superior a 30 cm. 5 *Koenig-Albert*, *Prinz-Regent*, *Luitpold*, *Kaiserin*, *Frederic-der-Grosse* e *Kaiser*, 24.700 t., 38.000 cav., 23 nós, 10 peças de 30 cm. e 14 de 14 cm. 4 *Nassau*, 18.900 t., 20 nós, 12 peças de 15 cm. 5 *Deutschland*, 13.200 t., 16.000 cav., 19 nós, 4 peças de 28 e 14 de 17 cm. 5 *Braunschweig*, semelhantes aos precedentes, mas de menor velocidade.

5 cruzadores de batalha *Derflinger*, *Leiditz*, *Goeben* e *Moltke*, de 23.000 toneladas, 12 peças de 15 cm., *Von der Wann*, 19.800 t., 28 nós, 8 peças de 28 e 10 de 15 cm.

A Allemanha pode pôr em linha: 12 dreadnoughts, 5 cruzadores de batalha, 14 couraçados modernos e 10 de segunda linha. Valem pouco em comparação com as inglesas, mas são superiores às francesas.

Italia:

4 dreadnoughts: *Conti di Cavour*, *Giulio Cesare*, *Leonardo da Vinci* e *Dante Alighieri*. Os 3 primeiros deslocam 22.700 t. e tem de comprimento 168 m. e de largura 28 m.; 30.000 cavallos; 22 nós e meio; artilharia principal: 13 canhões de 30 cm. O *Dante-Alighieri* tem 163 m. de comprimento e 26^m,80 de largo. Força: 25:000 cav. Velocidade: 23 nós. Artilharia: 12 peças de 30 cm. em 4 torres, mais 20 canhões de 120 mm. e 12 de 76 mm.

4 couraçados: *Roma*, *Napoli*, *Vittorio-Emmanuele* e *Regina Helena*. Deslocam 13.000 t.; força 21.000 cav.; velocidade 20 nós e meio. Armamento: 2 peças de 30 cm. em torres axiaes, 12 de 20 cm. em torres lateraes e 16 de 76 mm.

2 couraçados: *Benedette Brin* e *Regina Marguerita*, de 13.400 ton. e 22 nós e meio. Artilharia: 4 peças de 30 cm. em duas torres, 12 de 15 cm. num reducto couraçado central e 16 de 76 mm.

2 couraçados: *Ammiraglio di Saint-Bou* e *Emmanuele Feliberto*, de 9.800 ton., 18 nós, 4 peças de 25 cm., 8 de 15 e 8 de 12.

Austria:

3 dreadnoughts: *Viribus Unitis*, *Tegethoff* e *Prinz Eugen*, de 22.000 ton., 151 m. de comprimento e 27^m,30 de largura, 26.000 cav., 22 nós, peças de 30 cm. em quatro torres, 12 de 15 cm. e 18 de 77 mm. Tem quatro tubos lança torpedos.

3 couraçados: *Zrinyi*, *Radetzky* e *Erzherzog-Franz-Ferdinand*, de 14.500 ton., 20.000 cav. e 20 nós e meio, 4 peças de 30 cm. em duas torres, 8 de 24 cm. em quatro torres duplas lateraes. Artilharia secundaria: 20 canhões de 16 cm. e 6 de 70 mm.

3 couraçados: *Ersatzvog-Ferdinand-Max*, *Erz-Friederich* e *Erz-Karl*, de 10.600 ton., 14.000 cav., 20 nós, 4 peças de 24 cm. em duas torres; 12 de 19 cm. em casamata; 14 de 70 mm.

3 couraçados: *Habsburg*, *Arpad* e *Babenberg*, de 8.300 ton., 3 canhões de 20 cm., 12 de 15 cm. e a velocidade de 19 nós.

Como cruzadores-couraçados a Austria possui 3 deslocando 5 a 7.000 ton. e com a velocidade de 19 a 22 nós.

França:

4 dreadnoughts: *Jean Bart*, *Courbet*, *France* e *Paris*, de 23:467 ton., 29.000 cav., 22 nós, 12 peças de 30 cm. em seis torres, 4 no axe e 2 á prôa, 2 a ré e 2 lateraes. A artilharia secundaria é constituída por 22 canhões de 14 cm. Tem ainda algumas peças de 47 mm. para as saudações. Tem 4 tubos lança torpedos e trans-

portam 30 minas de blocos ou torpedos fixos.

Seguem-se: *Danton*, *Condorcet*, *Diderot*, *Vergniaud*, *Mirabeau* e *Voltaire*, de 18:000 ton., 23:000 cav., 21 nós, 4 peças de 50 cm. em 2 torres axiaes, uma á prôa e outra á ré; 12 peças de 24 cm. em 6 torres lateraes. Completam o armamento 16 peças de 75 mm. e 10 de 47 mm. para saudações. Tem dois tubos lança torpedos.

5 couraçados: *Patrie*, *Republique*, *Vérité*, *Justice*, *Démocratie*, de 15.000 ton., 18.000 cav., 19 nós e meio. Armamento: 4 peças de 30 cm. em duas torres axiaes, 10 de 19 cm. (*Vérité*, *Justice*, *Démocratie*), 13 de 65 mm. e 10 de 47 mm. Dispõem de 4 tubos lança torpedos: 2 aerios e 2 submarinos. Esta armada é de 1.^a linha. Os outros navios de guerra são:

8 couraçados: *Suffren*, *Gaulois*, *Saint-Louis*, *Charlemagne*, *Bourel*, *Carnot*, *Charles Martel* e *Faureguiberry*, de 12 a 13:000 ton., 19 nós, peças de 37, 27, 16 e 14 cm. que não lhes permitem combates a grandes distancias.

Na totalidade a França possui 4 dreadnoughts e 19 super-dreadnoughts. Acrescenta-se-lhes 14 cruzadores-couraçados de 9.500 a 13.600 ton., que não seriam de grande utilidade em batalha, pois que o calibre maximo de 19 centímetros é muito fraco.

Russia:

2 couraçados: *Imperator Powell* e *Andréi Pervosvanii*, de 17.400 ton., 18.000 cav., 18 nós, 4 peças de 30 cm. em duas torres e 14 de 20 cm. São superiores aos *Nassau* allemães.

Slava, 14.000 ton., 4 peças de 30 cm. e 12 de 15 cm. Analogo ao *Patrie*, mas não tão bem defendido.

Czarevitch, sobrevivente da guerra com o Japão; tem 4 peças de 30 e 12 de 15 cm.

As esquadras das nações belligerantes são constituídas pelas seguintes unidades:

	Allemanha	Austria	França	Inglaterra	Russia
Couraçados.....	26	7	20	60	13
Cruzadores-couraçados	10	5	20	38	7
» não »	37	5	25	71	9
Contra-torpedeiros....	73	7	50	110	70
Torpedeiros.....	10	21	213	85	68
Submarinos.....	2	—	51	60	24

Vejamos os exercitos das nações belligerantes e neutras:

NAÇÕES	Batalhões de infantaria	Batalhões de caçadores	Esquadrões de cavallaria	Baterias d'art ^a de companhia	Baterias grossas	Batalhões d'engenharria
Allemanha.....	650	18	547	633	110	63
Austria-Hungria.	440	27	252	344	28	15
França.....	532	305	305	675	40	29
Russia.....	1.196	64	880	543	98	70
Inglaterra.....	72	—	72	72	8	6
Belgica.....	60	—	36	87	—	6
Dinamarca.....	36	—	9	2	—	2
Hollanda.....	62	—	16	24	—	5
Italia.....	288	62	145	225	8	20
Suissa.....	105	—	18	93	—	7

Entre os acontecimentos que mais impressionaram a opinião mundial devem registrar-se os fallecimentos do presidente

da Republica Argentina, do illustre escriptor *Lemaitre* e da esposa do presidente *Woodrow Wilson*, dos *Estados Unidos da America do Norte*.

O dr. *Roque Saenz Pena*, presidente da Republica Argentina, nasceu em Buenos-Ayres, a 19—3—1851. Doutorou-se na Universidade da sua terra em 1876, seguindo a advocacia até 1879.

Em 1876 foi eleito deputado ao conselho provincial de Buenos Ayres, ganhando a fama de orador de talento. Em 1879 partiu para o Pacifico, onde havia rebentado o conflicto entre o *Chile*, o *Peru* e a *Bolivia*, alistando-se no exercito peruviano, para o qual iam todas as sympathias argentinas. Commandou o batalhão de *Iquique*, distinguindo-se pelo arrojo e valentia. De regresso á sua terra natal retomou a direcção do jornal—*Sul America*—de sua fundação. Em 1881 entrou para o ministerio dos estrangeiros como sub-secretario. Apoz uma viagem á Europa em 1883, entrou no movimento de resistencia á candidatura presidencial de *Dantas Rocha*, e a favor de *Juarez*, que o fez ministro plenipotenciario em *Montevideo*, onde se notabilizou como delegado ao Congresso de Direito Internacional. Privado Sul-Americano, de Setembro de 1888 a 18 de Fevereiro de 1889, relatando uma memoria sobre legislação penal que lhe valeu altos elogios na America e na Europa.

Foi vice-presidente d'esse congresso e tambem por vezes presidente, na ausencia dos ministros dos estrangeiros da Argentina e do Uruguay.

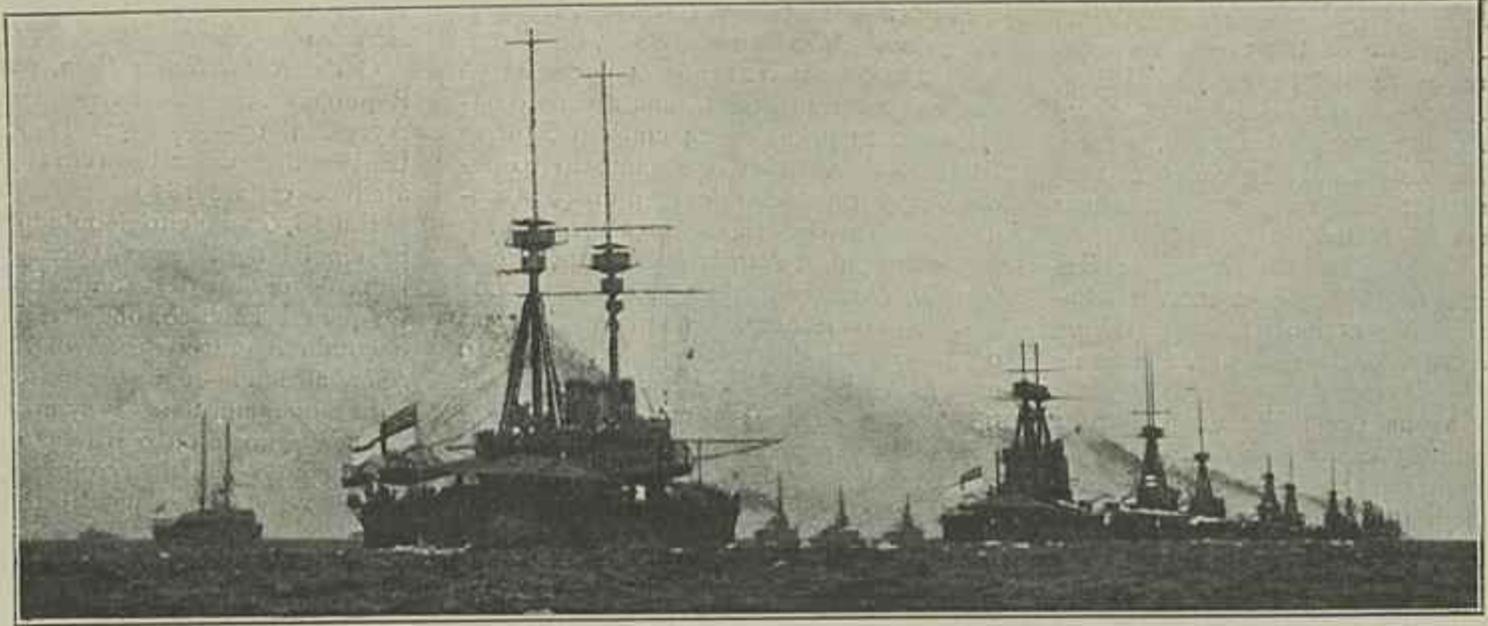
O governo do seu paiz escolheu-o para, com o Dr. *Quintana*, representar á Argentina na Conferencia Internacional Americana, mais conhecido por *Congresso pan-americano*, sendo eleito membro da *Customs Union*, commissão encarregada de estudar e emittir parecer sobre a ideia d'um *Zollverein* entre os Estados das tres grandes zonas da America. Ahi se mostrou decidido adversario da *doutrina de Monroe* e de toda a intransigencia para com os elementos estrangeiros, tendo em attenção os verdadeiros interesses da Argentina, que carece da mão d'obra estrangeira para valorizar os seus vastos e fertes territorios.

Saenz Pena foi ministro dos estrangeiros no ultimo gabinete Juarez; em Dezembro de 1891 era proclamado candidato á presidencia da Republica mas, tendo por concorrente seu pae, *Luis Saenz Pena*, preclaro jurisconsulto, pediu a seus amigos que desistissem da lucta.

Em 1892 é eleito senador por Buenos Ayres. Em Agosto de 1905 publica os seus discursos sobre *Direito Publico Americano*.

O governo do Peru confere-lhe o grau de general de brigada e convida-o a inaugurar em *Lima*, o monumento ao coronel *Bolognesi*. Pouco depois é eleito deputado pela capital. O governo de *Figueroa Alcorta* nomeia-o para representar a Argentina no casamento de *Afonso XIII*. Mais tarde renuncia ao cargo de deputado por ter acceite o de ministro plenipotenciario em *Madrid*, d'onde, em 1907, foi transferido para *Roma*. Tomou parte na conferencia da *Haya*, entrando na discussão do projecto fundamental da commissão permanente da arbitragem.

Em 1910 é eleito presidente da Republica. Antes de occupar esse alto lugar emprehe uma viagem pela Europa, não



FROTA BRITANICA NO MAR DO NORTE

esquecendo Portugal, que no mês de Junho teve a ventura de lhe manifestar inequívocas provas d'estima, já muitos annos antes iniciadas e radicadas, pois que em Maio de 1889 o dr. Saenz Pena havia estado em Lisboa. Por iniciativa dos srs. drs. Armelino Junior e Luciano Cordeiro, foi aclamado socio correspondente da nossa *Sociedade de Geographia*, tendo sido tambem proclamado socio honorario da *Associação dos Advogados*, sob proposta dos srs. drs. Henrique Midosi e Franco de Castro.

Como presidente da Republica, Saenz Pena foi o digno continuador da obra de

Ugnaiz, Bartholomeu Mitre e Sarmiento, que imprimiram na Argentina o sentimento de verdadeira consciencia nacional, base do seu progresso e da sua força. A valorisação dos terrenos incultos, o desenvolvimento crescente da agricultura e da industria, attestam o successivo augmento da riqueza argentina, sob o vigoroso e intelligente impulso do illustre advogado, politico, official e diplomata que a morte arrebatou.

Jules Lemaitre, insigne escriptor e notavel academico; poeta e dramaturgo, notabilisou-se como critico litterario e thea-

tral. Nasceu em 1853. Bacharelou-se em letras, e lecionou nos lyceus e nas Faculdades de *Besançon* e *Gernoble*. Recebeu o titulo de doutor depois de ter defendido a these: — *La Comédie apres Molière et le théâtre de Dancourt*.

Abandonou o ensino, dedicou-se ás letras, e publicou *Médailles* e *Petites Orientales*. Na critica litteraria especialisam-se *Les Contemporains*, obra magistral em que se analisa detidamente a obra de *Verlaine, Ibsen* e *George Ohnet*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



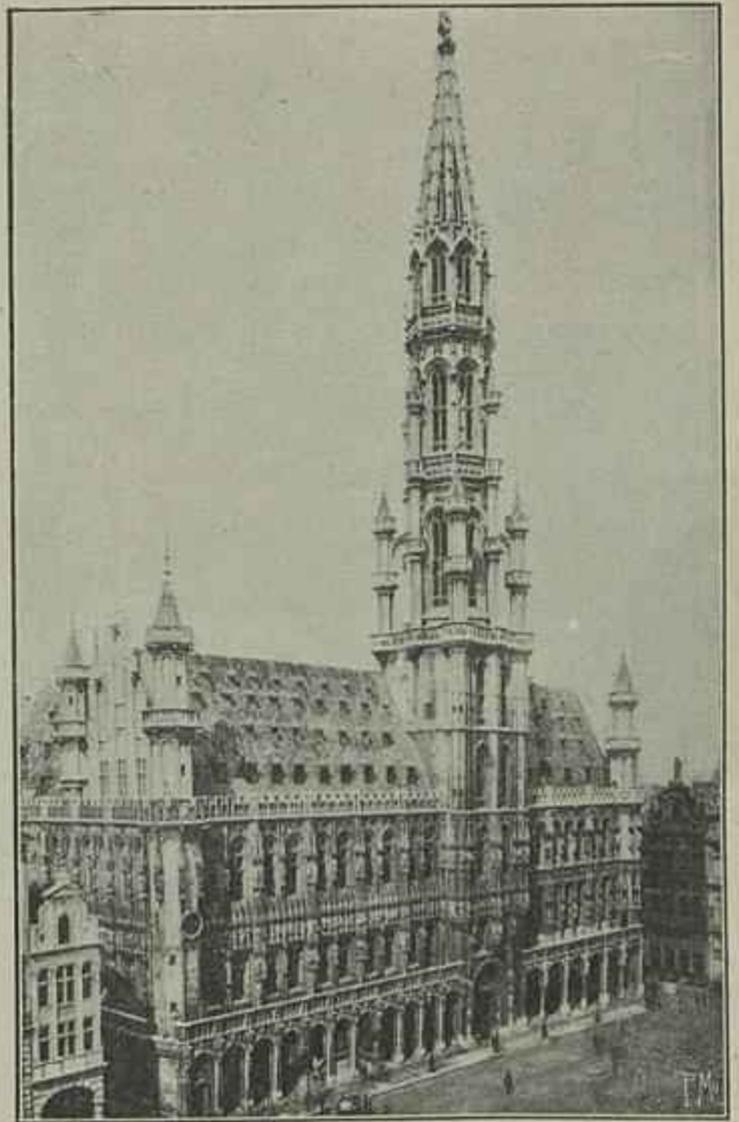
JORGE V, ACOMPANHADO DO PRINCIPE DE GALES E PRINCIPE ALBERTO, A BORDO DUM NAVIO DE GUERRA



MANOBRAS EM HYDRICPLANO



BRUXELAS — PALACIO DO REI



BRUXELAS — CAMARA MUNICIPAL



BRUXELAS — PALACIO DA BOLSA



O PINTOR CANDIDO DA CUNHA NO SEU ATELIER

Folhas soltas

Uma exposição d'arte

A Noruega festeja este anno o centenario do seu renascimento como nação. Para um tal facto de tanta importancia nacional, o governo pensou em organizar uma exposição que marcasse de uma forma flagrante todas as manifestações d'arte do seu povo.

Jacques de Coussange consagra, em uma revista litteraria, um curioso artigo sobre esta exposição, e por esse estudo a Noruega apresenta-se um paiz de infinito interesse.

A pintura tem na exposição um papel importante. Como é sabido, a pintura norueguesa descobriu antes dos escriptores os aspectos do seu paiz que marcaram uma especie de temas para a sua arte nacional. Diz-se que a natureza selvagem da Noruega entrou na litteratura no dia em que o notavel escriptor Ibsen, viajando atravez das montanhas, foi recebido n'um presbyterio onde a mulher do pastor lhe explica que alli vivem tranquilos n'aquellas paragens cujas bellezas são inumeras e attrahentes.

A geração das pinturas contemporaneas que começa com Thaulow, Werenskial, Sinding, Skredsvig, Krohg e outros e ultimamente com Lohlberg e Munch é uma secção deveras interessante. Mister é no-

tar que os noruegueses são levados agora por uma corrente ultra-moderna devida ás theorias de Jens Thüs, director do museu das Bellas Artes de Christiania. Este critico d'arte publicou agora uma obra sobre Leonardo de Vinci, pela qual este vulto fica bem definido.

Projectos de architectura apparecem em trabalhos magnificos. Existe n'este paiz uma architectura original que se harmonisa com a natureza. Sob este ponto de vista já poderemos apontar alguns monumentos como a Bibliotheca de Bergen, a igreja de Rjukan e outros edificios do estado. As casas destinadas a uma só familia são um triumpho para os architectos, não só pela simplicidade das linhas, mas sobretudo pelo interior onde, como disse Ibsen, podiam viver felizes pae, mãe e filhos.

Ora este povo não cuida somente da parte externa mas sim da decoração interna no que diz respeito a pinturas e moveis.

A arte das joias offerece uma prova de como este povo possui sentimentos artisticos. As joias apresentam um burilado de metal destinado á pedra poder offerecer um brilho muito mais importante. A opála e a amethysta são usadas frequentemente. Em França pensou-se em imitar taes trabalhos mas nunca sabiu nada apreciavel.

Diz o articulista que esta exposição marca um passo adiantado da arte, em frente dos outros paizes da Europa! O

povo possui grandes desejos de progresso, a sua alma é o verdadeiro espelho da cor da sua natureza tão cheia de contrastes bruscos. Paiz de flores, de rochas batidas pelas ondas, regiões onde a neve vem matysar a paisagem, terra de sonho, terra de phantasias, onde jaz o santo Olaf.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Arte Portuguesa

Candido da Cunha

Um amigo meu, a quem deixo exarado aqui o mais profundo reconhecimento, levou-me ha dias ao atelier deste pintor.

Lá dentro, naquelle santuario, onde a alma do artista vac creando amorosamente outras almas, palpita e vagueia um suave aroma de flores.

E' do jardim fronteiro.

Nas paredes ha esbocetos, quadrinhos, bustos, mármores brancos... Um Christo de Soares dos Reis, torturado e agonizante, parece tremêr ainda, estorcêr-se na cruz, quando a aragem bate o pano negro do fundo. E' a primeira sensação de vida, que me fêre ao entrar. O Christo macilento, banhado de suores frios, causa uma impressão esmagadora de verdade...

A minha timidez augmenta. E sem o

Psitacismo e cultura do espirito

querer, tenho a voz trémula de respeito e comoção.

Os olhos meio-cerrados, vou admirando tudo sôffregamente. Ha uma *pochade* violeta que me fascina. Aquelle tom monótono, que poderia ser o principal defeito, constitua a meu ver a sua maior virtude. Só um grande mestre a poderia pintar.

Entre tantas maravilhas de côr avulta ainda sobremaneira um *pastel*: são uns barcos pequeninos, acariciados pela luz dormente. O reflexo das aguas e a transparência das velas têm qualquer coisa de espiritual, de sonho e de poesia...

Candido da Cunha delicia-se nas *meias-tintas*. Chamou-lhe alguém, com verdade, um poeta religioso. Eu poderiachamar-lhe discípulo de Rembrandt, se o contraste nas suas télas, em lugar de apagado e macio, fosse apenas vielento.

Mas Candido da Cunha é também, em certo modo, um *feiticeiro da luz*. Lembra um exquisito e delicado Chopin, cuja música fosse feita de *pianissimos*...

É o pintôr das Avé-Marias e do Solpôsto, quando o azul esmaece, e uma tinta de ouro e rósa vae subtilmente colorindo a Natureza...

É o pintôr dos Crepúsculos: os montes delúem-se, o arvorêdo adormece, e de todas as casas vae subindo, subindo, o fumo das lareiras...

É o pintôr do Luár: a lua sobe indolente e fatigada, as estrellas scintillam, os rebanhos, como sombras, pascem ou dormem tranquillamente sob a guarda dos cães e dos pastôres...

Candido da Cunha é ainda o pintôr das Creanças e das Mães. Lembra, talvez, pela ternura e carinho, pela attitudo cheia de resignação, pelos olhos maguados, a *maneira* impecável de Bouguereau...

Porto, agosto de 1914.

MANGEL DO AMARAL SEMBLANO.

Do pensamento simbolico para o psitacismo ilógico — ou simplesmente psitacismo — a transição é brusca.

Com effeito, desde que se substitue a luz da ideia pela palavra que a reflete, o sentido claro primitivo tende a apenumbra-se e escurecer-se. O esforço pedagogico evita este obscurecimento.

Dugas, no seu estudo engenhoso e lucido do nominalismo, faz bem a destriça das diversas cambiantes que o psitacismo abrange. No capitulo precedente referimo-nos já, sobriamente, a esse psitacismo que tem raiz profundamente psicologica, congenita da individualidade incontestavel. É indestrutivel. Provem da mesinteligencia humana. Está no *modus essendi*.

Ha o pensamento simbolico ou cego, como diz Leibniz, que tem raiz *propriamente* logica e só se revela quando o espirito se exerce. Está no *modus cognoscendi*.

É surge ainda o psitacismo banal — o verbalismo, a logomachia — que sacrifica absolutamente o espirito á letra formulada. No fundo, estes matizes ligam-se, associam-se, e fundem-se na mancha primordial. Dissémos já, que em ultima analyse todas estas formas do nominalismo eram inevitaveis.

O pensamento simbolico é, alem disso, necessario. É uma condição de progresso. Sem ele, a sciencia não seria possível. Devemos sempre contar com a incuravel preguiça do nosso espirito; ha sempre a prever que o nosso espirito seguirá a linha de menor resistencia. Que seria a arithmetica sem o simbolo numerico? Que seria a quimica sem a fórmula?

A linguagem exerce uma acção limitativa, mas intensiva, sobre a ideia. Esta acção prova-se pela propria evolução linguistica, pelas operações da logica, pela formação das sciencias.

O sentido do radical duma palavra é sempre de tal modo vago que mal pode apreender-se.

Os affixos definem-na e determinam-lhe a significação exata. É a acção limitativa da linguagem é tanto mais intensiva quanto mais sério e scientifico é o intuito. A terminologia scientifica é estreita e precisa e não sofre assim equivoco.

A nomenclatura quimica e a notação algebrica são linguagens especiaes, *tecnicas* em que os termos são precisos e nitidamente relacionados.

E qual é o fim das operações logicas? Reduzir um problema aos seus dados essenciaes. Determinar uma causa por exclusão de circunstancias extranhas. Que é uma operação

logica? Uma applicação de formulas. E — sem intenção de exagerar — essa applicação será tanto mais perfeita e sem probabilidades de erro quanto mais mecanica, por mais impertubavel, fór. É uma automatização do conciente. E, em globo, o progresso humano, a educação da humanidade, não consistirá simplesmente na automatização de actos primitivamente concientes? Tal é a tésede Le Bon.

Não analisaremos essa teoria. Limitamo-nos a verificar um facto. A formula predomina. A operação logica reduz-se a um habito — a um funcionamento quasi mecanico. Dadas as premissas, as consequencias inferidas são precisas. Mas se o espirito obedece *cegamente* á formula, psitacisa.

É certo. Faz psitacismo logico. Mas — já o dissemos — este psitacismo é necessario. A fórmula é a instituição duma reflexão que o espirito documentou. O pensamento simbolico corresponde a uma necessidade do espirito.

De resto, diz Dugas, corresponde também a uma estrita higiene mental. Vejâmos. A acção limitativa da linguagem é logicamente determinada. Não é mister que o espirito elabore constantemente os dados da experiencia estabelecida, mas, sim, que parta desses dados, reduzidos a fórmulas precisas, na determinação de verdades novas. Segundo Dugas, o espirito deve desembaraçar-se do *conhecido*. Mas que é, na verdade, a sciencia? É um complexo ordenado de conhecimentos, afirmados hoje e tidos como verdadeiros, que podem, muito embora, ser contraditados e rectificadoss, amanhã. Portanto, a revisão impõe-se.

Segundo Dugas, do mesmo modo, o espirito deve desembaraçar-se do *incognoscivel*. Mas este *veto* imperioso imposto ao espirito, não o intimida, nem prende. Apesar de tudo, o espirito embrenha-se sempre nas questões mais labirinticas e remotas de solução, por uma necessidade impugnavel de sua natureza. O *incognoscivel* tem a atracção da vertigem.

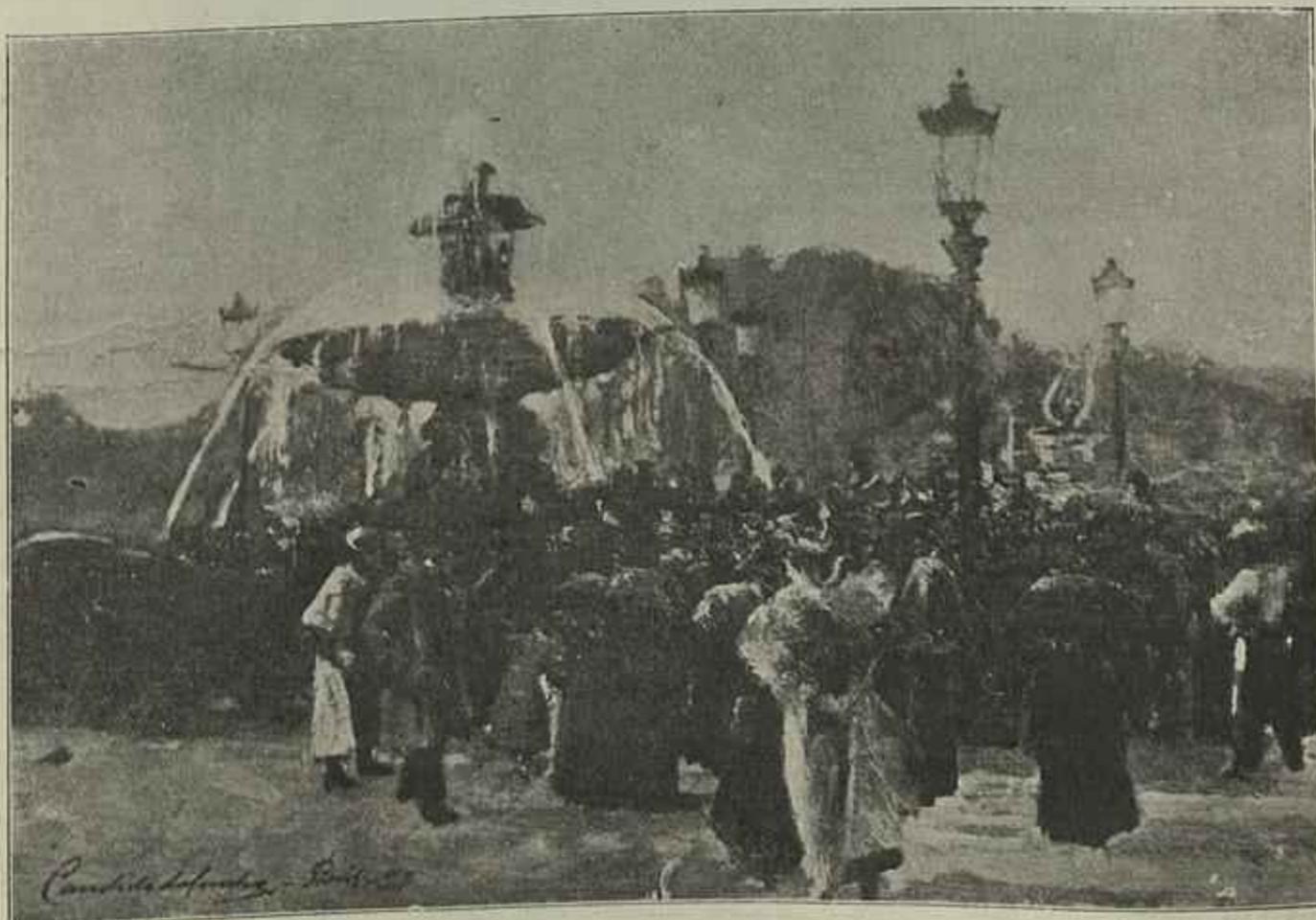
É, assim, o pensamento simbolico, se é necessario e correcto, só corresponde propriamente a uma higiene mental no que significa divisão de trabalho e delimitação de forças.

É esta a marcha do espirito humano que arrasta consigo, implicitamente, num progresso incessavel, a sciencia.

Mas se se trata de aplicar a sciencia na determinação efectiva do ensino, os obstaculos surgem.

Os nossos metodos de ensino e prejuizos e inercia — tudo contribue para que o desenvolvimento mental da creança não reproduza o desenvolvimento da historia da humanidade.

A.



CANDIDO DA CUNHA — UMA PASSAGEM DO «BOEUF-GRAS» (IMPRESSÕES)

Escolas literarias em Portugal

Três dos seus cultores

(Concluido do n.º 1283)

Paralisar a arte, sujeitando-a, eternamente, ao mesmo regimen é, de todo o ponto, inadmissivel. E', por isso, que o classicismo está condemnado, apesar da sua existencia gloriosa.

Do romantismo, passa-se naturalmente para o realismo, escola nascida em França que, tendo, por divisa, a expressão do sentimento pela fórma mais livre, conta, em Portugal, valiosos sectários.

O espirito desta escola é de analyse e observação clara e positiva; retrata a natureza em sua nudez e explora, de preferencia, os erros, as paixões e as miserias da humanidade.

Procura moralizar, pondo a descoberto e oferecendo, sem reservas, á contemplação, o que haja de mais ignobil e asqueroso na sociedade; pinta, com cores proprias, o vicio e as suas fatais consequencias para inspirar, assim, a repugnancia e o odio contra essa desgraçada tendencia moral que nos arrasta ao aviltamento.

Escusado será afirmar que, em todas estas escolas que vimos noticiando, a mentalidade portugueza se tem evidenciado de modo mais ou menos honroso.

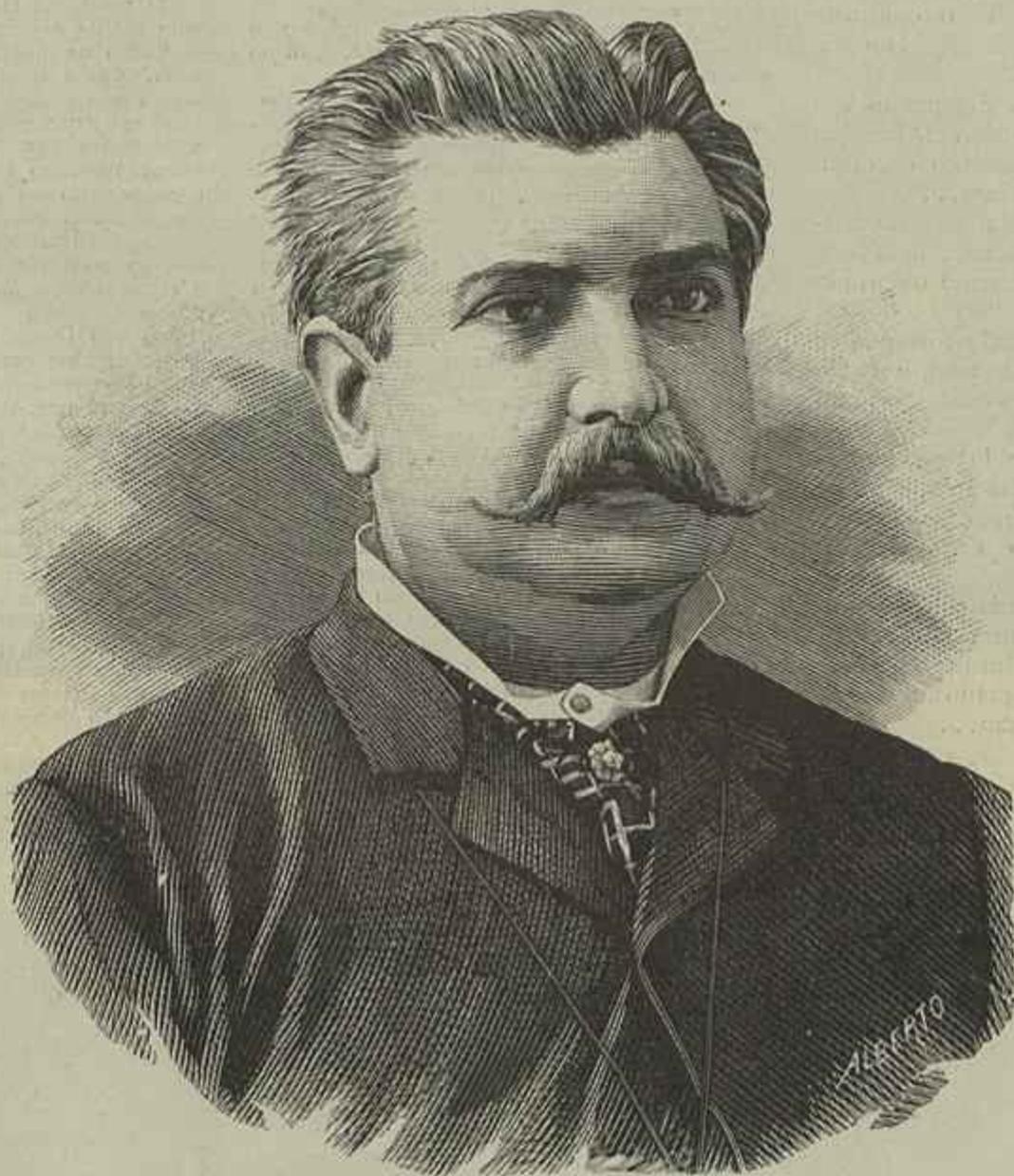
No classicismo, três gerações de peregrinos dotes têm notabilizado este país com escritos de melhor preço e, no realismo, escola hodierna, penas brilhantes lhe têm dado a maior distincção, sendo, de esperar, a afirmação de novos talentos que, em apreciaveis revelações, honrem os fastos literarios da sua patria.

No romantismo, escola que mais merece a nossa simpatia, não obstante o seu caracter de transição, ainda, não ha muito, tivemos occasião de procurar pôr, em destaque, seis vultos de não vulgar merecimento, cujas produções encheram a sua época e que, ainda, na actualidade, volvidos largos anos, são lidos com justissimo apreço e já, hoje, procuraremos, ainda, colocar, junto dessa pleiade, mais três

figuras igualmente valiosas: — Julio Dinis, Camilo e Chagas.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, nascido e falecido no Porto (1839-1871). Concluidos os seus preparatorios, matriculou-se na escola medica portuense, e, fazendo o curso com distincção, defendeu tésse em 1861.

Antipatisando, parece, com o exercicio da profissão medica, procurou afastar-se dos trabalhos clinicos e entregar-se ás letras, onde colheu os louros que tanto o distinguem.



MANOEL PINHEIRO CHAGAS

Com o pseudónimo de Julio Dinis, publicou finas e sentidas poesias e os seus sempre queridos romances, *Uma familia inglesa*, *Serões de Provincia*, *Pupilas do sr. Reitor*, *Morgadinha dos Canaviaes* e *Fidalgos da Casa Mourisca*. Foram, estes três ultimos, dramatizados e representados no teatro normal, com grande successo, não só pelas excellencias do assunto e do enredo, como pelo brilho do desempenho.

Gomes Coelho compreendeu a missão do romancista; não perturba a alma, lisongeando as paixões ou escandecendo a imaginação; encara a sociedade no que ella tem de mais simples, de mais finamente nobre e estuda-a, analisa-a com placidez.

Os seus romances oferecem quadros sim-

ples e morais, personagens que nunca repugnam nem escandalizam, sem a menor affectação que venha estragar a limpidez do pensamento. Lêm-se, essas narrativas, e sentimo-nos bem, com a consciencia de ter, sãmente, empregado umas horas que, com enlevo, nos prenderam, ficando-nos, para sempre, as impressões de um espirito finissimo que, em capitulos de singular espontaneidade, soube definir-se.

Quando o poeta ou o romancista consegue dominar o seu leitor pela suavidade da emoção ou pela paixão mas, sempre, doce e branda, presta á nossa alma, flagelada, muitas vezes, o mais carinhoso refrigerio, o mais eficaz conforto.

Se as más leituras são verdadeira peste de animos, aniquilando a educação e prevertendo o caracter, as paginas de Julio Dinis moldam-nos o coração e o cérebro em ambientes de luz o que, poderosamente, contribuirá para a grande espiração — a felicidade moral. Na poesia, Gomes Coelho, abraçando o gosto de Soares de Passos, embora com menor folego, — que maguada simpatia no *Bom Reitor*, ingratamente, esquecido na sua benemerencia; que nobreza de alma no honradissimo *Juiz Eleito*; que sincera dedicacão de mulher na *Despedida da Ama*; que delicadeza de sentimento na *Escola do Pobre!*

E na sua prosa deliciosa, como elle advoga as modernas aspirações, então balbuciantes, combatendo, com que finura e graça, o velho precon-

ceito, o orgulhoso pergaminho! Como idealiza, particularmente, a mulher; com que virtudes lhe adorna o coração, com que predicados lhe enriquece o espirito! São verdadeiras criações angelicas, consubstanciando a suprema bondade, flores de radiante formosura moral matizando as agruras da existencia.

Por isso, embora escritas, ha meio século, num periodo essencialmente romantico, não tendo, por consequente, a feição do positivismo actual, essas obras tão simpáticas, proclamando que o verdadeiro merecimento é de todos os tempos, serão, sempre, lidas e apreciadas como a mais lídima expressão de uma psicologia de incomparavel nobreza.



CAMILO CASTELLO BRANCO

De indole bem diversa de Julio Dinis, é *Camilo Castello Branco*. Agitado, irritavel, a sua obra sente-se do temperamento e, se um é lago sereno espelhando o azul, outro é vaga irrequieta, embravecida, rugindo procela.

Nasceu, Camilo, em Lisboa, em 1826 e tendo, nos ultimos menses da sua vida, perdido, totalmente, a vista, sem esperanças de a recuperar, suicidou-se, em 1890, na sua casa de S. Miguel de Seide.

Tentando, successivamente, ser medico, jurisconsulto e padre, por falta de persistencia, nenhum destes cursos realizou e fez-se, definitivamente, escritor, dedicando, desde verdes anos, á ingrata profissão da pena, toda a sua prodigiosa actividade.

E', Camilo, uma verdadeira gloria nacional. Nêle, se reúnem as mais brilhantes

qualidades de publicista, distinguindo-se no drama, romance, história e, sobretudo, na critica.

Conhecedor profundo da lingua portuguesa, poliu-a, aperfeçoou-a e enriqueceu-a em trabalhos de robusta intelligencia, fertilissima imaginação e grande cópia de conhecimentos.

Ilustrado por uma leitura paciente e variada, por um estudo sem tréguas e por uma analyse severa, Camilo tornou-se apto para se enredar em todas as questões, tratando-as com uma proficiencia notavel. Nestas circunstancias, era um adversario temivel que conquistava, sempre, os louros da polémica, não só vencendo o adversario pela veemencia e energia da argumentação, como ridiculisando-o implacavelmente, cobrindo-o de epigra-

mas acerados e de apostrofes esmagadoras.

A colecção camiliana é vasta. Assombrosa facilidade em escrever levou-o a singularizar-se em todos os seus trabalhos, magistralmente, elaborados, sendo considerado como uma das penas mais fecundas do nosso país. Com tais dotes, este homem extraordinario teria feito fortuna no estrangeiro, onde, gosto e justiça substituem o nosso indifferentismo. Assim, trabalhou, constantemente, toda a sua vida e a pobreza acompanhou-o até a morte.

Dentre a volumosa colecção dos seus trabalhos, distingue-se o *Amor de Perdição*, um dos seus romances mais felizes, homenagem a um seu ascendente cuja vida irrequieta teve, como epiflogo, um fim desventurosissimo, arrastando, consigo,

dois corações, profundamente, apaixonados, despedaçados por um amor fatal que só encontra termo na morte. Prestando-se, pelos seus lances tragicos, para uma peça dramatica, foi, habilmente, aproveitado por João da Camara e João Arroio, respectivamente, para drama e ópera, sendo, nos dois generos, uma das peças mais emocionantes do moderno teatro.

Não obstante a sua orientação romantica que levaria detractores e até a sua maior admiradora a julga-lo incapaz de cultivar outro genero, Camilo escreve o *Euzebio Macario* e a *Corja* e, nesses dois livros de feição realista, dá a conhecer os seus poderosos recursos e a sua facilissima adaptação de escola.

Em outros e variados trabalhos, como *Romance de um homem rico*, *Estrelas propicias*, *Doze casamentos felizes*, *Onde existe a felicidade?*, *Cavar em ruinas*, *Regicida* e *Noites de insonnia*, é, sempre, a mesma possante mentalidade, o grande mestre.

Sem a singeleza de Julio Dinis e o fôlego de Camilo, depara-se-nos *Manuel Pinheiro Chagas*.

Coloca-se entre os dois notabilissimos romancistas, pela particularidade da sua feição literaria. Não tem a fibra do lutador frenético, hercúleo de S. Miguel de Seide, como não possui a indole característica da serenidade, inalteravelmente, branda do autor das *Pupilas*.

Nasceu e morreu, Pinheiro Chagas, em Lisboa (1842-1895). Cêdo, se afastou da carreira das armas que, a principio, abraçára, para trilhar a das letras, iniciando-se no jornalismo. Lançando largo vôo, escreve teatro, romance, historia, como, mais tarde, parlamentar e académico, revela palavra brilhante e fluente. A sua obra literaria é muito complexa e de indiscutível valor, realizada, mercê de um trabalho infatigavel, num espaço de tempo, relativamente, curto, visto que faleceu com 53 anos.

No genero dramatico, destaca-se a *Morgadilha de Valflôr*, drama finissimo, cheio de sentimento, que conta inumeras representações, merecendo ser traduzido no es-

trangeiro. O *Dramã do Povo*, pelas suas ideias avançadas e critica independente, suscitou, contra si, uma odiosa campanha, que obrigou o autor a uma brilhante defesa da sua obra, embora não conseguisse reabilita-la, e a *Lição Cruel*, seu ultimo trabalho, pelo entusiastico acolhimento que obteve, foi, talvez, a morte de Pinheiro Chagas que, assistindo, já bastante doente, á estreia da peça, tal comoção experimentou com as ovações do público que, levado, em estado grave, para sua casa, só dela, saiu para o túmulo.

As *Tristezas á Beira-mar*, é uma narrativa soberba, encantadora, sensibiliza até as lagrimas. É um estudo magnifico do coração humano, numa linguagem purissima, num estilo scintilante de belezas.

A *Historia de Portugal* apresenta-se-nos como uma larga síntese que veio preencher uma importante lacuna. Possuindo, nós, varios trabalhos de historia e aliás de indiscutível merecimento, não tinhamos, todavia, uma historia completa do nosso país. Fernão Lopes, João de Barros, Castanheda, Francisco Manuel de Melo e, entre os modernos, Herculano, Rebelo da Silva e Latino Coelho, ocuparam-se, apenas, de épocas da vida patria. Ligar esses trabalhos, seria um impossivel atendendo aos grandes espaços que medeiam entre si, além das diferenças de orientação, critério e estilo.

Nestas circunstancias, Pinheiro Chagas presta o grande serviço da sua Historia que, sem pezo de erudição, antes com feição popular, porque, para o povo se destinava, consegue narrar, com o devido desenvolvimento, tudo por que o nosso país se distingue, dando-lhe logar primacial no gremio das nações.

E, com o louvavel desejo, de uma vulgarização ainda mais acessível, escreve o prestantissimo publicista, a *Historia Alegre* em que se nota, como, titulo diz, uma forma graciosamente original de expôr, adoçando a aridez historica com uma linguagem familiar, por vezes, faceta e que, tanto, prende a atenção do leitor. Em serão, no ambiente tépido da lareira, disserta, dia-

logando, na definição dos caracteres, no desenho dos quadros, no aplauso, na censura ou na justificação das acções, sempre, á luz de um criterio clarissimo.

Chagas foi um talento omnimodo; porém, dividiu-se, talvez, demasiadamente. Não se applicou, em especial, a um género.

Um tanto superficialista, tocando, aliás, com distincção, todos os ramos, não se firmou em nenhum, podendo ser um verdadeiro mestre.

Não foi historiador, como Herculano; romancista, como Camilo; dramaturgo, como Garret; poeta, como Soares de Passos; jornalista, como Sampaio; orador, como José Estevam. De todos, teve o bastante para conseguir um logar eminente, mas, áquem, ficou de qualquer desses vultos, quando, recursos, tinha para se lhes equiparar.

Um género, todavia, parece ter sido a sua predilecção — a novela historica. Impressionado com as aventuras heroicas do velho português, Chagas recorre aos tesouros de Fernão Lopes e Gaspar Corrêa e, dêles extrai o assunto para os seus contos e romances. Com entusiasmo, desterra, do pó do passado, das singelezas da crónica e da lenda, esses assuntos tão simpáticos e ei-los, num estilo colorido, burilado, desenhados em sugestivo quadro, encantando-nos o espirito e tocando-nos o coração.

É o que se observa na *Descoberta da India*, no *Baluarte de Diu*, na *Foia do Vice-rei* e no *Naufragio de Vicente Sodré*. Insurge-se, o sensato escritor, contra o absurdo processo de, no romance historico, misturar figuras reais com ficticias e, por conseguinte, acções falsas com verdadeiras, conduzindo-se, assim, o leitor a deploraveis confusões, propinando-lhe errada lição. «Prefere vêr as scenas tais como a historia as descreve, compreender os personagens como êles se revelam nos seus actos e procurar fixar esta fotografia que se desenhou no nosso espirito, transmiti-la ao papel e mostra-la ao publico.»

DAMASCENO NUNES.

Casa de Paris

Rua da Assunção, 56 — LISBOA

— Grande e variado sortimento de brinquedos, quinquilherias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho — PREÇO FIXO

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Premiado com medalhas de ouro, nas expozições de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem 1900, Antvers 1904, São de Janeiro 1905, etc.

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre-
vilgiado.

Pedro Franco & C.
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA